

**D T C L**

**Documentos de Traballo en  
Ciencias da Linguaxe**

Documento #8

**Anáfora na Língua Brasileira de  
Sinais: uma proposta de  
categorização**

**Leidiani da Silva Reis**

**Jorge Bidarra**

Xaneiro 2018

ISSN: 2530-2752



Esta obra ten unha licenza Creative Commons [Atribución 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).

# Anáfora na Língua Brasileira de Sinais: uma proposta de categorização

Leidiani da Silva Reis<sup>1</sup>

Universidade Estadual do Oeste do Paraná/Universidade de Vigo

[Leidianireis@hotmail.com](mailto:Leidianireis@hotmail.com)

Jorge Bidarra

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

[Jorge.bidarra@unioeste.br](mailto:Jorge.bidarra@unioeste.br)

## Resumo

A *Referenciação* é um processo que depende de uma série de atividades cognitivas e sociais que se estabelecem no momento da interação. Quando pensamos, por exemplo, na relação entre a Língua Portuguesa e a Língua Brasileira de Sinais (Libras) diante dos elementos referenciais - nesse trabalho selecionamos a anáfora como o fenômeno de partida -, podemos inferir que há complexidades e singularidades que denotam diferenças relevantes quanto à operação linguística referencial, uma vez que essas línguas são de modalidades distintas, oroauditiva e visuoespacial. Diante disso, pretendemos, com esse artigo, responder às seguintes indagações: (i) À luz da *Referenciação*, como a anáfora se realiza na Libras, considerando-se a diferença de modalidade entre as duas línguas (Língua Portuguesa e Libras)? e (iii) Quais anáforas são mais recorrentes na glosa-Libras? Mais exatamente, a partir de uma pesquisa de natureza básica e de cunho qualitativo, objetivamos verificar, na perspectiva da *Referenciação*, como as anáforas acontecem na Libras, assumindo como ponto de partida a Língua Portuguesa. Assim sendo, com base nas análises realizadas, verificamos que há o constante uso simultâneo do dêitico e da anáfora, conforme Ciulla (2008) e Pizzuto et al., (2006) propõem em seus estudos. Percebemos o modo como as anáforas se manifestam e o papel que desempenham na Libras, permitindo-nos sugerir uma proposta inicial de categorias de anáforas na Libras.

**Palavras-chave:** referenciação, anáfora, língua brasileira de sinais, proposta de categorias.

## Introdução

Apesar da complexidade envolvida no modo como se manifestam e na forma como se relacionam os itens que tomam parte do processo de *Referenciação* - especialmente as anáforas -, avanços significativos já podem ser percebidos no âmbito das línguas orais. O

---

<sup>1</sup> Bolsista da Capes/Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior - PDSE/ Processo nº {88881.134114/2016-01}.

mesmo não se pode afirmar em relação às línguas de sinais em geral, e em particular no que diz respeito à Libras.

Tanto numa modalidade de língua quanto na outra, a *Referenciação* se configura não apenas como um recurso de retomada de entidades do mundo; em outras palavras, ela não diz respeito a simples rótulos usados para designar as coisas do mundo (KOCH; MARCUSCHI, 1998), mas muito além disso, retrata uma forma de construção e reconstrução de objetos-do-discurso. Para Mondada e Dubois (2003), os objetos-do-discurso, sendo construídos e desenvolvidos discursivamente, não devem ser entendidos como se já estivessem prontos para serem utilizados e, além disso, como se fossem válidos para todos os sujeitos, pois eles não são estáticos e não seguem uma norma, mas são construídos conforme o contexto de interação.

No entanto, na prática, quando pensamos, por exemplo, na relação entre a Língua Portuguesa e a Libras diante dos elementos referenciais – nesse trabalho, selecionamos a anáfora como o fenômeno de partida -, num viés tradutório<sup>2</sup>, podemos inferir que há complexidades e singularidades que denotam diferenças relevantes quanto à operação linguística referencial. Nessa perspectiva, pretendemos com esse trabalho verificar, na perspectiva da *Referenciação*, como as anáforas se realizam na Libras, assumindo como ponto de partida a Língua Portuguesa. Assim, com base nas análises realizadas, sustentadas teoricamente, apresentamos uma proposta inicial de categorias de anáforas na Libras.

Quanto à organização, dividimos esse trabalho em quatro capítulos, além da Introdução e das Referências. No primeiro capítulo, trazemos a “*Fundamentação teórica*”, momento em que abordamos, brevemente, o estado da arte acerca da *Referenciação*, com ênfase no processo referencial que nos interessa: *anáfora*. Elencamos, também, nessa seção, “*O Processo Referencial no Âmbito das Línguas Visuoespaciais*”, expondo especialmente *uma proposta analítica*

---

<sup>2</sup> Neste trabalho, sempre que nos referirmos à tradução, será o ato de transcrever os recortes textuais interpretados em Libras para a glosa-Libras (envolve o escrito).

*aplicada em outras línguas de sinais: o dêitico enquanto componente do processo anafórico.* Por fim, destacamos “*O Processo Referencial na Libras*”.

Em seguida, no segundo capítulo discorreremos sobre o “*Percurso Metodológico*” durante o processo de desenvolvimento do trabalho, expondo, brevemente, a *constituição do Corpus Paralelo*. No terceiro capítulo, nomeado “*Algumas Análises*”, exibimos o *procedimento de análise*, no qual sintetizamos os critérios adotados, inicialmente, para as avaliações dos recortes textuais em Libras. Também, expomos as análises iniciais, tendo em vista o referencial teórico abordado. Por fim, no quarto e último capítulo destacamos as “*Considerações iniciais*”, exibindo uma possível proposta de categorias anafóricas na Libras, com base nas análises realizadas.

## **1. Fundamentação Teórica**

### *1.1 Referenciação*

As autoras Mondada e Dubois (1995) vão contra as concepções que veem o processo de referir como uma relação especular língua-mundo, nas quais as coisas da realidade já existem e a função dos sujeitos é apenas nomeá-las por intermédio da língua. Assim sendo, as precursoras propõem o termo *Referenciação* para expressar a ideia do dinamismo que envolve o processo, no qual se dá uma construção de objetos cognitivos e discursivos na “intersubjetividade das negociações, das modificações, das ratificações, de concepções individuais e públicas do mundo. (...) Essa abordagem implica (...) um sujeito sociocognitivo mediante uma relação indireta entre os discursos e o mundo” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 20).

Numa visão ainda mais moderna da *Referenciação* trazemos os estudos de Ciulla (2008), a qual diz que a *Referenciação* é um processo que depende de uma série de atividades cognitivas e sociais que se estabelecem no momento da interação. Nessa perspectiva, entendemos que

a formação de tais objetos do discurso é influenciada por fatores culturais, históricos, sociais, ou seja, pelo contexto de comunicação e não apenas por experiências individuais ou por meras reproduções pré-existentes da realidade. Além disso, conforme Leal, “os objetos do discurso são itens linguísticos dinâmicos, podendo ser modificados, desativados, reativados no curso da progressão textual” (LEAL, 2011, p. 46).

Tomado sob o viés discursivo e, conseqüentemente, como produto da ação interativa entre os sujeitos envolvidos na constituição dos textos, o processo de *Referenciação* constitui-se como uma atividade linguística que não se limita à decodificação textual, nem se reduz à localização de um termo no texto, mas se coloca como um recurso estratégico na construção do sentido textual.

Segundo Ciulla (2008), todo processo linguístico tem uma relação de interdependência com a cognição. Assim, os processos referenciais não são estanques, ao contrário, são imprevisíveis e mutantes. Nesse contexto, a interpretação de uma expressão não só depende do contexto e do co-texto, mas também tem implicações a partir do conhecimento que é compartilhado pelo enunciador e seu interlocutor. Na *Referenciação*, todas as palavras são espécies de núcleos comuns cujos significados vão sendo construídos à proporção que o discurso se desenvolve. Em outras palavras, não há como desvincular o contexto linguístico da situação.

Koch e Elias (2006), a seu turno, afirmam que a operação linguística referencial pode se dar por movimentos exofóricos ou endofóricos. No primeiro caso, recupera-se um elemento não enunciado no texto, sendo composto pelo dêitico. No segundo, o elemento recategorizado foi primeiramente apresentado no texto. A referência endofórica se subdivide em catafórica e anafórica<sup>3</sup>. No processo catafórico, a remissão é feita para frente.

---

<sup>3</sup> Como já mencionado, o objetivo desse trabalho é analisar as anáforas na interface Português-Libras, observando o modo como se comportam, notadamente, na Língua Brasileira de Sinais, após

Já no processo anafórico, sinteticamente, a remissão é feita para trás, ou seja, faz-se remissão a elementos anteriormente expressos no texto. Tais processos não se resumem a simples movimentos projetivos e retrospectivos, mas retratam o trabalho de um determinado sujeito de categorizar e recategorizar objetos do discurso.

### 1.1.1 Processo Anafórico

Tendo em vista que o foco do trabalho é abordar, mais especificamente, o processo referencial anafórico, estabelecemos um recorte teórico a fim de otimizar o espaço proposto. Assim sendo, Marcuschi (2005, p. 54) postula que hoje o termo “anáfora” é usado para designar expressões que, no texto, se reportam a outras expressões, enunciados, conteúdos ou contextos textuais (retomando-os ou não), “contribuindo assim para a continuidade tópica e referencial”.

Conforme vamos retomando certos elementos textuais, vamos formando teias referenciais altamente significativas que podem ser instauradas por meio de processos anafóricos diretos e indiretos. Em outras palavras, no processo de construção de sentido, a anáfora pode se dar com (direta) ou sem (indireta) a retomada de referentes anteriormente expressos (BIEZUS, 2010).

Na retomada direta tem-se a manutenção do núcleo, podendo o referente ser recuperado por meio da repetição - parcial ou totalmente (KOCH, 2005). Vejamos abaixo exemplo de anáfora direta apresentado por Haag e Othero (2003, p. 04):

(a) Comprei *três livros* excelentes. *Os livros* estão lá em casa.

---

o processo de tradução. Por essa razão, será dada uma ênfase maior em relação a esse processo referencial.

Nesse caso, verificamos a retomada do referente por meio da repetição do núcleo *livros*, apontando então a correferência entre a expressão anafórica e seu antecedente textual. Quanto à repetição, Biezus (2010, p. 39) afirma que essa “é uma estratégia que ocorre muito nas atividades de formulação textual, e contribui não só para a formação de cadeias discursivas, mas também para reforçar a coesividade”. Salientamos que devemos saber usar esse recurso para não tornar o texto repetitivo.

Para evitar a repetição, podemos utilizar a retomada sem a manutenção do núcleo, ou seja, a anáfora indireta que se caracteriza como uma estratégia endofórica de ativação de referentes novos sem que haja a reativação de referentes já presentes na superfície textual, em outras palavras, ela se constitui num processo de *Referenciação* implícita (BERNARDI, 2012).

Dentre as retomadas sem a manutenção do núcleo, destacamos as anáforas indiretas por pronominalização, por exemplo. Essa estratégia é utilizada para evitar a repetição de um nome, deixando o texto menos denso, auxiliando na continuidade do parágrafo, bem como na manutenção referencial. Segundo Koch (2009, p. 86), a pronominalização “pode ocorrer sem um referente co-textual explícito”. Vejamos o exemplo dado pela autora (2009, p. 87):

- (b) Os dois heróis estão lutando para ver qual tem mais força. De repente, *eles* cortam e passam para o quadrinho seguinte, onde já se vê um deles nocauteado, desmaiado no chão.

Nesse enunciado, como podemos observar, o pronome *eles* remete aos autores da história em quadrinhos, que não estão explicitados no texto, exigindo que o leitor faça inferências.

Também apontamos, entre as anáforas sem manutenção do núcleo, as retomadas por meio da sequência hiperônimo/hipônimo, por meio de expressão nominal referencial, as paráfrases anafóricas, as rotuladoras, as meronímicas, as sinonímicas. Vejamos abaixo

exemplo de cada uma delas, iniciando pela retomada por meio da sequência hiperônimo/hipônimo:

- (c) *Uma catástrofe* ameaça uma das últimas colônias de gorilas da África. *Uma epidemia* de Ebola já matou mais de 300 desses grandes macacos no santuário de Lossi, no noroeste do Congo. Trata-se de uma perda devastadora, pois representa o desaparecimento de um quarto da população de gorilas da reserva (KOCH, 2006, p. 267)

Observamos que o hiperônimo *uma catástrofe* é especificado e retomado pela expressão *uma epidemia*, o que leva ao esclarecimento do referente, dando maiores informações e auxiliando o leitor na interpretação de tal hiperônimo. Em outras palavras, o objeto de discurso é construído e especificado no decorrer do texto.

Outro tipo de retomada destacada é a paráfrase anafórica, realizada por expressão nominal, que pode ter por função elaborar definições, facilitar a compreensão de determinado termo e esclarecer dúvidas. Vejamos o exemplo apresentado pelas autoras (2006, p. 144):

- (d) Entre os conjuntos musicais populares do nordeste brasileiro encontram-se, ainda, as bandas de *pífaros*. É bastante curioso ouvir *esta espécie de flautim militar que produz sons agudos e estridentes*.

Nesse enunciado, o termo técnico *pífaros*, introduzido no início do texto, é parafraseado por meio da expressão anafórica *esta espécie de flautim militar que produz sons agudos e estridentes*.

Outra forma de retomada de um antecedente ocorre por meio de expressões sinônimas ou quase sinônimas. Nessa perspectiva, “a seleção de um sinônimo adequado para fazer a remissão é determinada tanto pelo gênero textual como pela variedade de língua utilizada, ou até mesmo por uma opção estilística do produtor” (KOCH, 2004, p. 246). O enunciado abaixo exemplifica o uso da estratégia em tela:



- (e) *Os bugios* não precisam de muito espaço e se alimentam de quase tudo que existe na mata: folhas, brotos de árvores, frutinhas. O inverno, porém, é a estação de fartura para estes *símios* e outros animais da floresta, pela abundância de pinhões. Os bugios, aliás, parecem a todo instante, comprovar as teorias de Charles Darwin. Nada mais parecido com um lutador de luta livre do que um desses *macacos* batendo no peito e roncando para amedrontar o adversário. (Zero Hora, 17/05/ 1992, p. 4) (KOCH, 2006, p. 265).

Nesse exemplo, o produtor lança como referente *os bugios* e, ao retomá-lo, utiliza sinônimos, o que traz maior conhecimento de vocabulário ao leitor, bem como contribui para a construção estilística do texto, tornando-o coeso.

Também temos as retomadas por sumarização, quando uma expressão resume ou sumariza um conteúdo já apresentado. Nesse caso, Koch (2004) denomina como *anáfora rotuladora*. Vejamos o exemplo abaixo, apresentado pela autora (2004, p. 63):

- (f) A Vigilância Sanitária de Estado de São Paulo determinou ontem que todos os produtos com suspeita de conter transgênicos em sua composição sejam recolhidos dos locais de venda em até 15 dias. *A determinação* cumpre uma lei estadual de dezembro de 1999.

Nesse exemplo, a expressão *a determinação*, além de encapsular parte do texto anterior, abre possibilidade para o prosseguimento do texto ao colocar em evidência um novo referente, que poderá vir a constituir o tema do enunciado seguinte.

Também abordamos como recurso de anáfora indireta as expressões nominais referenciais. Segundo Koch e Elias (2006, p. 137), tais expressões “desempenham uma série de funções cognitivo-discursivas de grande relevância na construção textual do sentido”. Para ilustrar essa análise, apresentamos abaixo os exemplos dados por Koch (2008, p. 55):

- (g) Reagan perdeu a batalha no Congresso. *O presidente americano* não tem tido grande sucesso ultimamente em suas negociações com o Parlamento.
- (h) Reagan perdeu a batalha no Congresso. *O cowboy do faroeste americano* não tem tido grande sucesso ultimamente em suas negociações com o Parlamento.

Podemos observar que, apesar de tratar do mesmo objeto de discurso, *Reagan*, em cada exemplo temos opiniões diferentes acerca de tal referente, sendo que no fragmento (h) fica expresso um tom irônico, com efeito argumentativo. Isso porque “a escolha das descrições nominais podem trazer ao interlocutor informações importantes sobre opiniões, crenças e atitudes do produtor do texto, auxiliando-o na construção do sentido” (KOCH, 2008, p. 56).

Por último, destacamos também a retomada por meio da meronímia, em que há a relação parte-todo. A interpretação do elemento referencial depende da remissão ao antecedente. Abaixo, no exemplo da autora, a presença do referente “uma velha tília” logo em seguida é retomado por meio de uma anáfora meronímica “o tronco”, ou seja, um dos componentes da árvore.

- (i) Ele abrigou sobre uma velha tília. <sup>1</sup>**O tronco** estava todo rachado.

Ressaltamos que o uso das anáforas sem manutenção contribui para a organização textual, introduz informação nova a respeito do referente e constitui-se numa estratégia de orientação argumentativa, pois, ao reconstruir os objetos de discurso, os sujeitos os direcionam conforme seus objetivos, buscando persuadir por meio da linguagem (REIS, 2012).

## 1.2 O Processo Referencial no Âmbito da Língua Visuoespacial

Diferentemente das línguas faladas, que são organizadas pelo aparelho fonador e percebidas pela audição, as línguas sinalizadas são articuladas pelas mãos e notadas pela visão, em outras palavras, são visuoespaciais. William Stokoe (1960) foi o primeiro a reconhecer e descrever o padrão fonológico, bem como morfológico de uma língua de sinais, especificamente, *American Sign Language* (ASL). Após a iniciativa desse linguísta escocês que vivia e trabalhava nos Estados Unidos, a pesquisa sobre ASL e outras línguas de sinais começaram a florescer, nos anos 1970 e 1980. O objetivo principal de grande parte do trabalho inicial dos pesquisadores da área era fornecer evidências de que a língua de sinais, de fato, caracterizava-se como uma língua, composta de todos os elementos necessários para assim ser tratada: fonologia, morfologia, sintaxe, pragmática, entre outros. Nesse contexto, começaram surgir os primeiros trabalhos voltados para o processo referencial, entre eles destacamos, por exemplo, o trabalho de Friedman (1975, p. 940), em que a autora faz uma explanação de como a “visual language allows for deictic and anaphoric locative, temporal, and ‘pronominal’ reference”<sup>4</sup>. Logicamente, essa é uma discussão bem inicial sobre como os processos referenciais, anáfora e dêitico, dialogam entre si, considerando a modalidade visuoespacial. Apesar de ser incipiente, representa a situação geral do estudo da “referência”<sup>5</sup> nas línguas de sinais, daquela época.

Destacamos também o estudo de Bühler (1979), o qual também elencou a relação entre a dêixis e a anáfora, numa perspectiva referencial produtiva, igualmente na ASL: “el contexto de un decir, que se va haciendo, se eleva él mismo a campo mostrativo, cuando indicamos anafóricamente” (BÜHLER, 1979, p. 142). Em outras palavras, o significado textual vai se consolidando à medida em que há o uso desses processos referenciais em conjunto. Outros

---

<sup>4</sup> A Linguagem visual permite a referência locativa, temporal e pronominal dêitico-anafórica (Tradução nossa).

<sup>5</sup> Destacamos esse elemento mediante aspas, porque, na perspectiva adotada nesse trabalho, o termo utilizado é Referenciação. “Referência” caracteriza a abordagem teórica adotada pelo autor.

pesquisadores em destaque são Bellugi e Klima (1982), os quais realizaram um estudo para identificar os termos dêiticos na ASL e constataram que tais termos formam a base do processo referencial, da concordância verbal e das relações gramaticais.

Apesar de já ter passado algumas décadas, essa é uma discussão que tem interessado muitos estudiosos atuais, entre eles apontamos, por exemplo, Philippe Schenker (2016; 2013; 2011), o contemporâneo da ASL, que buscou observar a relevância do espaço e do apontamento na construção anafórica. Segundo o autor, “the sign language anaphora is often realized very differently from its spoken language. *An antecedent is associated with a position or 'locus' in signing space, and an anaphoric link is obtained by pointing towards that locus to recover its semantic value*” (SCHLENKER, 2016, p. 2, grifo nosso<sup>6</sup>).

Diante desse contexto, para nosso estudo, trazemos, em especial, uma proposta analítica aplicada em *American (ASL), French (LSF) e Italian (LIS) Signed Languages*, de Pizzuto et al. (2006), em que os autores apresentam o dêitico enquanto componente do processo anafórico. Eles discutem sobre os fatores específicos das línguas de sinais que afetam a construção do dêitico-anafórico. Em outras palavras, os pesquisadores definem as estruturas dêitico-anafóricas como recurso de coesão textual que permitem a falantes ou sinalizantes mostrar (dêixis) e retomar (anáfora) referentes no discurso, simultaneamente.

A partir de uma análise comparativa de narrativas sucintas produzidas na *ASL, LSF e LIS*, a pesquisa proporciona evidências importantes sobre o processo referencial nas três línguas de sinais. Mais especificamente, os dados analisados permitem avaliar a influência das relações entre as línguas a respeito dos referidos fenômenos investigados. Os autores propõem duas grandes classes de dêitico-anafóricos, nas línguas visuoespaciais:

---

<sup>6</sup> A anáfora na língua de sinais é muitas vezes realizada de forma diferente da sua língua falada. Um antecedente está associado com uma posição ou um "locus" de assinatura no espaço, e uma ligação anafórica é obtida por apontamento (dêixis) para que o locus possa recuperar seu valor semântico (SCHLENKER, 2016, p. 2, tradução nossa).

1) Classe ‘padrão’, realizada por meio de apontações manuais e visuais, que estabelecem posições marcadas no espaço (os ‘loci’). Nessa classe os referentes podem ser simbolicamente atribuídos. Alguns fatores são relevantes para o processo anafórico nessa classe, entre eles destacamos i) a direção do olhar: a anáfora ocorre com a marcação acentuada da direção dos olhos; ii) a soletração (datilologia): o pronome chama a atenção do interlocutor para a soletração, e a relação entre a soletração e o objeto referido é de inferência. Vejamos o exemplo: <ELA M-A-R-I-A>; e iii) a locação: apontamento direcionado no espaço.

2) A classe de complexas unidades manuais e não-manuais, que não são sinais de apontação nem podem ser classificadas como sinais padrões. Essas unidades apresentam características altamente icônicas – denominadas Estruturas Altamente icônicas (EAI) ou ‘Transferenciais’ - e são marcadas por padrões específicos do olhar, por formas manuais que codificam atributos perceptíveis salientes das relações entre o referente e o elemento referencial (Classificadores<sup>7</sup>) e por expressões faciais marcadas e/ou modificações da cabeça, dos ombros e do tronco, tipicamente identificadas como ‘recursos de troca de papéis’.

Conforme a análise desses autores, as línguas de sinais oferecem duas maneiras de produzir significado: “dizer sem mostrar”, por meio do léxico padrão e da apontação; e “dizer e mostrar”, utilizando-se as EAIs.

In SL, unlike in verbal languages, there are two ways of signifying: either by ‘telling and showing’, thereby producing HIS or ‘Transfers’ that are unique of the signed modality, or by ‘telling without showing’, using the standard lexicon and pointings, and producing structures that are more

---

<sup>7</sup> Nesse contexto, os Classificadores são caracterizados pelo ato de dizer e mostrar iconicamente ao mesmo tempo/ilustrar o que se diz.

comparable to those found in verbal languages (PIZZUTO et al., 2006, p. 478)<sup>8</sup>.

Explicam eles que essas duas formas consistem na opção consciente do sinalizante em ilustrar ou não o que diz. Supomos, então, que esses elementos sejam mais que ilustrações. Consideramo-los, com base nas discussões de Pizzuto et al. (2006), como objetos-do-discurso construídos no espaço físico, para serem retomados por meio do dêitico-anafórico: “These two ways of signifying mirror two different intents a signer can deliberately choose for articulating his/her discourse: an illustrative and a non-illustrative intent (and the resulting structures they produce) are defined “Transfers”” (PIZZUTO et al., 2006, p. 479)<sup>9</sup>.

As EAIs são concebidas como vestígios de operações cognitivas por meio das quais os sinalizantes transferem sua concepção do mundo real para o mundo tetradimensional do discurso sinalizado (as três dimensões do espaço acrescidas da dimensão tempo) (PIZZUTO et al., 2006).

Nessa perspectiva, Felipe (2006, p. 206) corrobora que devido à modalidade visuoespacial, as línguas de sinais podem “introduzir, no contexto discursivo, a mímica e por isso um objeto, uma qualidade de um objeto, um estado, um processo ou uma ação pode ‘mimeticamente’ ser representada juntamente com a estrutura frasal”. Para o autor, esse “processo mimético transforma a mímica em uma forma linguística que representa iconicamente o referente a partir dos parâmetros de configuração sígnica e da sintaxe da língua” (FELIPE, 2006, p. 206). Diante disso, Cuxac (2000) diz que:

---

<sup>8</sup> As Línguas Sinais, diferentemente das línguas verbais, oferecem duas maneiras de se produzir significado: pode-se ‘dizer e mostrar’, produzindo-se assim EAIs ou ‘*Transferências*’, que são exclusivas da modalidade sinalizada, ou então se pode ‘dizer sem mostrar’, por meio do léxico padrão e da apontação, produzindo-se estruturas mais compatíveis com as encontradas nas línguas verbais (Traduzido por: VASCONCELLOS, SOUZA, MENDONÇA, 2006).

<sup>9</sup> Essas duas maneiras de se produzir significado refletem duas intenções diferentes entre as quais o sinalizante pode optar, conscientemente, a fim de articular seu discurso: a de ilustrar e a de não ilustrar o que se diz. As operações realizadas pelos sinalizantes quando escolhem a intenção de ilustrar (e as estruturas resultantes produzidas) são chamadas de ‘*Transferências*’ (Traduzido por: VASCONCELLOS, SOUZA, MENDONÇA, 2006).

[...] tous Sign Language exploiter la capacité de base qui ont sinalizantes iconizar votre expérience perceptive / pratique du monde physique. Un effet de ce processus de iconisation est de fournir le langage des signes supplémentaires d'une sémiotique concernant les langues verbales (CUXAC, 2000, p. 15)<sup>10</sup>.

Segundo Pizzuto et al. (2006), diferentes subtipos de EAIs podem ser combinadas entre si, ou com sinais padrão, para codificar simultaneamente informações referentes a dois – ou até mais – referentes, permitindo uma especificação multilinear da referencia dêitico-anafórica, especificidade da modalidade visuoespacial.

Essas classes, ‘padrão’ e ‘de complexas unidades manuais e não-manuais’, foram amplamente detectadas nas línguas de sinais estudadas, por essa razão, podem representam uma das características que distanciam essas línguas das línguas oroauditivas. Conforme Pizzuto et al. (2006), elas são, aparentemente, muito semelhantes em várias outras línguas de sinais do mundo, o que torna plausível supor que elas sejam estruturas universais ou quase universais.

Por considerar o estudo dos referidos pesquisadores altamente relevante, buscaremos aplicar sua proposta, num viés da *Referenciação*, pois acreditamos que, quando a pessoa surda escolhe um determinado tipo de dêitico-anafórico no processo discursivo, ela não o faz aleatoriamente, ao contrário. Consideramos, também, a classe de complexas unidades manuais e não-manuais, caracterizadas por estruturas altamente icônicas muito mais que um elemento de coesão, ela é a representação do processo de *Referenciação* nas línguas de sinais.

### 1.2.1 O Processo Referencial na Libras

---

<sup>10</sup> [...] todas as Línguas de Sinais exploram a capacidade básica que os sinalizantes têm de iconizar sua experiência perceptiva/prática do mundo físico. Um dos efeitos desse processo de iconização é o de dotar as Línguas de Sinais de uma dimensão semiótica adicional com relação às línguas verbais (Tradução nossa).

Embora, há muito tempo, a Libras venha sendo usada pela comunidade surda em território nacional, foi somente em 24 de abril de 2002, com a publicação da Lei nº 10.436, regulamentada pelo Decreto nº 5.626, que se tornou a segunda língua oficial no país. O fato de ser uma língua visuoespacial, modalidade bastante distinta da Língua Portuguesa (língua oroauditiva), vem abrindo um leque de possibilidades de pesquisas avançadas no campo da Linguística. Assim, dos diversos fenômenos linguísticos existentes, a *Referenciação* foi o eleito, tendo em vista a frequência com que ocorre nas línguas em geral, e em especial, na Libras.

Como os estudos voltados para esse fenômeno na Libras é ainda muito recente e pouco debatido, os autores brasileiros, de forma geral, amparam suas reflexões sobre o processo referencial em trabalhos desenvolvidos em outras Línguas de Sinais, principalmente a ASL. O que temos, então, sobre o referido fenômeno na Libras é ainda bastante superficial, uma vez que não há um número relevante de pesquisas diretas e, especialmente, voltadas à descrição dos elementos referenciais. Nesse sentido, Pizzio, Rezende e Quadros (2009) dizem que:

Temos poucos estudos realizados no Brasil, logo, esse assunto carece de muitas reflexões. (...) estaremos usando referências de estudos de outras línguas, especialmente, de outras línguas de sinais, para pensar os mesmos fenômenos na nossa língua de sinais (PIZZIO; REZENDE; QUADROS, 2009 [n.p.]).

Nesse contexto, trazemos as ponderações de Ferreira Brito (2010) acerca do fenômeno:



Referência em Libras funciona de maneira similar àquela das línguas orais, tais como o Português. Entretanto, analisando nossos dados da Libras (narrativas, conversações e enunciados obtidos por meio de testes de elicitación, todos filmados em vídeo) (...), observamos algumas especificidades que, provavelmente, são devidas à modalidade espaço-visual de língua. (...). Um estudo mais aprofundado da correferência pode conduzir a uma sistematização de comportamentos que subjazem este fenômeno (FERREIRA BRITO, 2010, p. 115).

Temos consciência de que a autora parte de uma concepção teórica diversa da que adotamos nessa pesquisa<sup>11</sup>, apesar disso, esse trecho bem representa as pesquisas que temos sobre “Referência<sup>12</sup>” na Libras, e que nos deixa evidente a possível relação do referido fenômeno nas modalidades de língua oroauditiva e visuoespacial. Em outras palavras, Ferreira Brito (2010) já nos mostra essa similaridade entre a Língua Portuguesa e a Libras no que diz respeito aos elementos referenciais, apontando, obviamente, a existência de algumas especificidades, que, segundo a autora, *provavelmente* são devidas às modalidades diferentes.

Segundo a autora, uma especificidade do processo referencial na Libras é o uso muito frequente da dêixis, auferindo um papel essencial na construção e na reconstrução do referente. Ferreira Brito (2010) diz que:

A dêixis, no seu sentido mais “puro”, tem a função apenas referencial. Atualmente, o conceito de dêixis tornou-se muito mais amplo e muitos deles transmitem informações não-referenciais também. **Os dêiticos são usados frequentemente, em Libras, para referirem e correferirem.** Por correferência, entende-se aqui todos os termos que tradicionalmente

---

<sup>11</sup> Já no início de suas discussões Ferreira Brito traz uma citação assumindo a perspectiva gerativista: “Nesse capítulo, faremos a distinção que a Gramática Gerativa estabelece entre anáfora e pronome (...)” (FERREIRA BRITO, 2010, p. 116).

<sup>12</sup> As aspas lançadas nesse vocábulo não são aleatórias, ao contrário, tem a intenção de mostrar que esse não é o termo que adotamos em nossa pesquisa; em nosso trabalho adotamos o termo “Referenciação”, baseado na Linguística Textual Sociocognitivointeracional.

são chamados de anáfora e catáfora (FERREIRA BRITO, 2010, p. 116, grifo nosso).

Com base nessa citação, podemos entender que, assim como nas outras línguas de sinais, na Libras, o dêitico, além de exercer a função de apontar, também executa o papel de retomar, em outras palavras, há um exercício simultâneo do dêitico e da anáfora, o qual é denominado de dêitico-anafórico, conforme já vimos acima.

Para a pesquisadora, pensar no termo *Correferência* em Libras requer uma série de fatores: “*Correferência* em Libras é um fenômeno bastante complexo porque pode ser realizado por meio do uso de pronomes pessoais, demonstrativos e possessivos”, como nas línguas orais, mas também por meio do “uso do termo comparativo, da mudança de posição do corpo, do uso de classificadores e, até mesmo, do uso de olhadelas” (FERREIRA BRITO, 2010, p. 116, grifo da autora), tudo num espaço demarcado. Nesse mesmo contexto, Quadros(2002) afirma que:

Na língua brasileira de sinais, **os sinalizadores estabelecem os referentes associados com uma localização no espaço**. Tais referentes podem estar fisicamente presentes ou não. Depois de serem introduzidos no espaço, os pontos específicos podem ser referidos ao longo do discurso. Quando os referentes estão presentes, **os pontos no espaço são estabelecidos baseados na posição real ocupada pelo referente**, por exemplo, o sinalizador aponta para si para indicar a primeira pessoa, para o interlocutor para indicar a segunda pessoa e para os outros para indicar a terceira pessoa [...] quando os referentes estão ausentes do discurso, são estabelecidos pontos abstratos no espaço. (QUADROS, 2002, p. 23-24, grifos nossos).

O espaço, nas línguas de sinais, é tão importante quanto o aparelho fonador nas línguas orais. É nesse espaço que ocorre todo processo referencial, que inclusive, permite correferência explícita e reduz a possibilidade de ambiguidade. O uso do espaço é sistemático, favorecendo a identificação clara e correta do referente. Em outras palavras, a ambiguidade das línguas orais dificilmente é encontrada nas línguas de sinais, devido à

exploração do espaço feita pelos pronomes estabelecidos em pontos específicos, um recurso exclusivo da modalidade visuoespacial (QUADROS; PIZZIO; REZENDE, 2009).

Após elencar essas questões, trazemos Bernardino (2010, p. 128) que diz que: “[...] faz-se necessário uma pesquisa detalhada sobre os recursos referenciais na Libras”. Assim sendo, concordamos que “[...] um estudo mais aprofundado da correferência na Libras pode conduzir a uma sistematização de comportamentos que subjazem esse fenômeno” (FERREIRA BRITO, 2010, p. 122).

## 2. Percurso Metodológico

Partindo de uma pesquisa de natureza básica e de cunho qualitativo, com o objetivo de verificar, em glosa, o modo como as anáforas ocorrem na Libras, assumindo, como ponto de partida, a Língua Portuguesa, o *corpus* foi constituído de diversos recortes textuais coletados na referida língua, de fontes aleatórias<sup>13</sup> - extraídas de jornais, revistas, livros, artigos, entre outros.

Para a coleta desses recortes textuais em Língua Portuguesa, foi usado como critério as classificações das anáforas estudadas na perspectiva sociocognitivointeracional da *Referenciação*, ou seja, selecionamos recortes textuais que continham anáforas diretas e indiretas. Esses recortes foram compostos por pelo menos dois períodos sintáticos, os quais contemplam a aparição do *referente* e do *elemento referencial*. Não pudemos trabalhar com textos muito complexos/grandes, porque, primeiro, os surdos têm suas limitações quando da interpretação desses, uma vez que a Língua Portuguesa não é a sua língua natural. Além

---

<sup>13</sup> Os recortes textuais foram coletados a partir de diversos gêneros textuais a fim de não haver uma motivação de um uso específico de determinada anáfora. Além disso, esse trabalho faz parte de uma pesquisa maior, direcionada pelo grupo “PORLIBRAS: *fundamentos para a especificação, modelagem e implementação de Soluções Computacionais com vistas ao desenvolvimento de um sistema bilíngue de tradução automática Português-Libras*”, o qual também fará uso desses recortes textuais aleatórios.

disso, por visar à construção de um *corpus* paralelo, quisemos abordar diversos gêneros textuais a fim de não haver uma motivação de uso específico de determinada anáfora.

Depois dessa etapa, esses recortes textuais foram passados a um sujeito surdo nato<sup>14</sup>, para que ele realizasse a interpretação em Libras, a qual foi transcrita para a glosa-Libras, com o auxílio de um Tradutor e Intérprete de Libras/Língua Portuguesa, qualificado pelo Programa Nacional para a Certificação de Proficiência no Uso e Ensino da Língua Brasileira de Sinais e para a Certificação de Proficiência em Tradução e Interpretação da Libras/Língua Portuguesa (Prolibras).

Seguimos, por conseguinte, o protocolo de transcrição convencionalizado por Quadros e Karnopp (2004) e Ferreira Brito (2010), sendo que o que não compunha esse sistema foi acrescido por nós para atender as necessidades das notações (em anexo, Sistema de Notação para Glosas-Libras). Tal Sistema é utilizado na transcrição do Português para Libras a fim de aproximar o significado de um signo de uma língua na outra. Além disso, essa transcrição facilita a análise dos fenômenos linguísticos na passagem de uma língua para outra (SANTOS, 2012).

Assim, as sentenças foram organizadas de forma a constituir um *Corpus* Paralelo<sup>15</sup>: temos, de um lado, as sentenças em Língua Portuguesa; de outro, as sentenças em glosa-Libras, para facilitar a comparação. Com o *Corpus* Paralelo disponível, passamos, então, à verificação minuciosa<sup>16</sup> de cada recorte textual, tanto numa língua, quanto na outra<sup>17</sup>.

Inicialmente, analisamos as anáforas, na Língua Portuguesa, conforme os estudos

---

<sup>14</sup> É relevante destacar que o sujeito surdo aprendeu a Libras ainda quando criança, em outras palavras, ele é um sujeito surdo fluente em Libras.

<sup>15</sup> Adotamos como perspectiva metodológica a *Linguística de Corpus* (BERBER SARDINHA, 2003), tendo em vista a construção de um *Corpus* Paralelo, que consiste em dois textos (Língua Portuguesa e Libras, original e transcrição, respectivamente).

<sup>16</sup> Para melhor compreensão, usamos alguns recursos gráficos e numéricos durante as análises. Os recursos utilizados destacam o referente e o elemento referencial, tanto na Língua Portuguesa quanto na Libras.

<sup>17</sup> Lembramos que para a primeira etapa – coleta do recorte textual em Língua Portuguesa -, os recortes textuais já foram previamente analisados, com vista à composição dos grupos anafóricos.

realizados na perspectiva sociocognitivointeracional da *Referenciação*, pois foi esse o critério por nós escolhido para a seleção dos recortes textuais coletados.

Depois, o próximo passo foi analisar o referido fenômeno linguístico nas glosas-Libras, verificando a possível mudança de categoria, ou não, além da sua manutenção, ou não, baseado nas teorias estudadas, notadamente, em relação à perspectiva sociocognitivointeracional da *Referenciação* e à proposta de Pizzuto et al. (2006), referência nas Línguas de Sinais. Concordamos que essas teorias dialogam entre si, principalmente no que diz respeito aos autores modernos da *Referenciação* e Pizzuto et al. (2006).

### **3. Algumas Análises**

Esse capítulo é dedicado às análises dos recortes textuais que constituem o *Corpus* Paralelo Português-Libras, ou seja, esse *Corpus* é correspondente à interface Língua Portuguesa-Libras, no qual apresentemos, na primeira coluna, recortes textuais em Língua Portuguesa e, na segunda, as glosas-Libras. Subdividimos as análises em dois Grupos: *Grupo I – Anáfora Direta*; e *Grupo II – Anáfora Indireta*. Em cada grupo são apresentadas subdivisões, correspondentes às anáforas direta e indireta, vistas durante o aporte teórico. A relembrar:

#### **Grupo I- Anáfora Direta**

1. *Corpus* Paralelo Português-Libras, composto de anáfora por repetição, na Língua Portuguesa.

#### **Grupo II – Anáfora Indireta**

1. *Corpus* Paralelo Português-Libras, composto de anáfora pronominal, na Língua Portuguesa;

2. *Corpus* Paralelo Português-Libras, composto de expressão nominal referencial, na Língua Portuguesa;
3. *Corpus* Paralelo Português-Libras, composto de anáfora especificadora, na Língua Portuguesa;
4. *Corpus* Paralelo Português-Libras, composto de paráfrase anafórica, na Língua Portuguesa;
5. *Corpus* Paralelo Português-Libras, composto de anáfora sinonímica, na Língua Portuguesa;
6. *Corpus* Paralelo Português-Libras, composto de anáfora rotuladora, na Língua Portuguesa;
7. *Corpus* Paralelo Português-Libras, composto de anáfora meronímica, na Língua Portuguesa.

Destacamos, tanto nos recortes textuais em Língua Portuguesa quanto nas glosas-Libras, o *referente* e o *elemento referencial*, para facilitar a visualização. O *referente* é destacado em itálico e sublinhado e o *elemento referencial* em itálico e em negrito. Sendo necessário, são usados outros recursos de realce. Vejamos, a seguir, a análise do recorte textual<sup>18</sup> que constitui o *Grupo I – Anáfora Direta*.

### 3.1 GRUPO I - ANÁFORA DIRETA

Nessa seção, apresentamos a análise do Grupo I, composto pela anáfora direta, a qual é caracterizada como um processo anafórico que reativa objeto do discurso introduzido,

---

<sup>18</sup> Alguns recortes textuais selecionados na Língua Portuguesa são exemplos clássicos da Referenciação (APOTHÉLOZ, 2003; KOCH; ELIAS, 2006; KOCH, 2005; MONDADA; DUBOIS, 2003; entre outros).

podendo ser recuperado por meio da repetição parcial ou total (KOCH; ELIAS, 2006). Para efeito desse trabalho, partimos de recorte textual constituído de anáfora direta por repetição - na Língua Portuguesa -, que será avaliada na glosa-Libras, com o intuito de verificar como se comporta na Libras.

3.1.1 *Corpus* Paralelo, composto de anáfora por repetição, na Língua Portuguesa. E na Libras, como fica?

Conforme elencado, nesse momento, trazemos o *Corpus* Paralelo Português-Libras, a fim de observar, notadamente, como a anáfora direta por repetição se estabelece na Libras. Para essa atividade, faremos um paralelo com a Língua Portuguesa, observando ocorrência similar ou distinta. Vejamos, a seguir, a análise embasada no recorte textual que compõe o quadro “*Corpus* Paralelo Português-Libras: anáfora por repetição”:

**Quadro 01 - *Corpus* Paralelo Português-Libras: anáfora por repetição**

Recorte Textual em Língua Portuguesa	Recorte Textual em glosa-Libras
<p>(1a) <u>Minhas camisetas</u> estão amassadas. Preciso passar <sup>1</sup><b>essas camisetas</b> urgentes.</p>	<p>(1b) <u>CAMISETAS MINHAS</u>            AMASSADAS    PRECISAR    RÁPIDO  <sup>1</sup>(IX)            <b>PASSAR</b>            (CL-ob-ef&lt;preocupad@&gt;).</p>

Fonte: Autores da Pesquisa (2016)

Nesse quadro, no recorte textual (1a), em Língua Portuguesa, a expressão “*minhas camisetas*”, caracteriza-se como o referente, tendo como elemento referencial “*essas camisetas*”. Assim sendo, podemos classificar a (1a) como uma anáfora direta por repetição parcial do núcleo “*camisetas*”. Já a (1b), na glosa-Libras, mostra-nos um outro processo anafórico: primeiramente, o referente é invertido “CAMISETAS MINHAS”, ordem opcional da Língua. Depois, quanto ao elemento referencial, esse sim sofreu mudança, pois o que antes era caracterizado como uma anáfora direta por repetição, na Libras, transformou-se em um dêitico anafórico, mediante o uso de uma estrutura altamente icônica (EAI). Ou seja, o próprio ato de passar a roupa – marcado pelo verbo PASSAR (Classificador verbal) –, atrelado ao *olhar para baixo* e à *expressão facial*, incorpora a retomada do referente. Conforme vimos, segundo Pizzuto et al. (2006), esse processo referencial exhibe características altamente icônicas, as quais são marcadas por padrões específicos do olhar, por formas manuais que codificam atributos perceptíveis salientes das relações entre o referente e o elemento referencial (Classificadores) e por expressões faciais marcadas. Tendo em vista que Libras, assim como qualquer língua de sinais, é organizada espacialmente, de forma bastante complexa, o uso de EAI consegue retratar, nesse espaço, o objeto do discurso da melhor forma possível.

### 3.2 GRUPO II – ANÁFORA INDIRETA

Elencamos, agora, algumas análises do Grupo II, constituído pela anáfora indireta, a qual se caracteriza pelo fato de não existir no co-texto um antecedente explícito, mas, sim, um elemento de relação que é decisivo à interpretação (KOCH; ELIAS, 2006). Para efeito desse trabalho, partimos de recortes textuais constituídos de anáforas indiretas pronominais, por expressão nominal referencial, especificadoras, por paráfrases,



sinonímicas, rotuladoras e meronímicas, as quais serão avaliadas nas glosas-Libras, com o intuito de verificar como se comportam na Libras.

3.2.1 *Corpus* Paralelo, composto de anáfora pronominal, na Língua Portuguesa. E na Libras, como fica?

Nesse instante, trazemos o *Corpus* Paralelo Português-Libras, a fim de observar, notadamente, como a anáfora indireta pronominal se estabelece na Libras. Para isso, faremos um paralelo com a Língua Portuguesa, observando os fatos análogos ou distintos. Vejamos o quadro abaixo, nomeado “*Corpus* Paralelo Português-Libras: anáfora pronominal”, e sua análise correspondente:

**Quadro 02 - *Corpus* Paralelo Português-Libras: anáfora pronominal**

Recorte Textual em Língua Portuguesa	Recorte Textual em glosa-Libras
(2a) <u>A roupa</u> ficou mofada na gaveta. <sup>1</sup> <b>Elas</b> precisam ser lavadas amanhã.	(2b) GAVETA AQUI TER <u>ROUPA</u> MANCHA^PRETA = mofa. AMANHÃ PRECISAR <sup>1</sup> <b>(IX)LAVAR</b> ( <b>CL-ob-ef&lt;preocupad@&gt;</b> ).

Fonte: Autores da Pesquisa (2016)

Nesse quadro temos o recorte textual (2a), que é composto pelo referente “a roupa” e pelo elemento referencial “elas”, que se caracteriza, na Língua Portuguesa, como uma anáfora

indireta pronominal. Na glosa-Libras (2b), o referente “ROUPA” é retomado mediante um dêitico-anafórico, produzido por meio de uma complexa unidade manual e não manual, ou seja, por meio de uma expressão altamente icônica – “(IX)LAVAR (CL-ob-ef<preocupad@>)”, que assim como na (1b), caracteriza-se por padrões específicos do olhar, por formas manuais que codificam atributos perceptíveis salientes das relações entre o referente e o elemento referencial (Classificadores) e por expressões faciais marcadas (PIZZUTO et al., 2006). Assim sendo, o ato de LAVAR, na Libras, retoma e aponta, automaticamente, o objeto do discurso em questão. Quando o sujeito surdo utiliza esse dêitico-anafórico, acoplado à EAI, ele não o faz aleatoriamente, ao contrário, ele tem a intenção de descrever a situação, em uma perspectiva tridimensional, aspecto próprio das Línguas de Sinais.

### 3.2.2 Corpus Paralelo, composto de expressão nominal referencial, na Língua Portuguesa.

E na Libras, como fica?

Essa seção é reservada à análise da expressão nominal referencial, mediante o *Corpus* Paralelo Português-Libras. Observamos, nesse instante, se esse processo referencial se mantém ou não na Libras, bem como se assume outra categoria. Vejamos o quadro abaixo, nomeado “*Corpus* Paralelo Português-Libras: expressão nominal referencial”, atrelado à análise:

**Quadro 03 - *Corpus* Paralelo Português-Libras: expressão nominal referencial**

Recorte Textual em Língua Portuguesa	Recorte Textual em glosa-Libras

<p>(3a) <i>A Rainha Silvia da Suécia</i> fala seis línguas, <sup>1</sup><i>a monarca ‘brasileira’</i> fala alemão, espanhol, inglês, português, sueco e francês.</p>	<p>(3b) <i>RAINHA NOME &lt;S-I-L-V-I-A&gt;</i>  PRÓPRIO SUÉCIA FALAR 6 IDIOMAS.  <sup>1</sup><i>(IX)ELA RAINHA MORAR BRASIL</i>  &lt;QUANDO&gt;<i>qu CRIANÇA</i>. <sup>2</sup><i>(IX)ELA</i>  <b>RAINHA</b> FALAR ALEMÃO,  ESPANHOL, INGLÊS, PORTUGUÊS,  SUECO, FRANCÊS ef&lt;admirad@&gt;.</p>
--	---

Fonte: Autores da Pesquisa (2016)

Nesse quadro, no recorte textual (3a), em Língua Portuguesa, temos a presença do referente “A Rainha Silvia da Suécia”, que é retomado, em seguida, por meio de uma descrição nominal referencial “uma monarca ‘brasileira’”, um tipo de anáfora indireta. Podemos ressaltar que, apesar de tratar do mesmo objeto de discurso, no elemento referencial temos uma outra qualidade do referente, que expressa um conhecimento de uma fase específica da vida da “Rainha Silvia da Suécia”, a qual é denominada como “uma monarca ‘brasileira’” por ter vivido um período de sua infância em São Paulo, Brasil. Para compreender esse referente, é necessário, sem dúvida, acionar esse conhecimento prévio, caso contrário, o recorte textual se torna incoerente. Assim sendo, “a escolha das descrições nominais pode trazer ao interlocutor informações importantes sobre opiniões, crenças e atitudes do produtor do texto, auxiliando-o na construção do sentido” (KOCH, 2008, p. 56). Na glosa-Libras (3b), temos como referente “RAINHA NOME <S-I-L-V-I-A>”, o qual é retomado, agora, por meio de uma repetição, atrelada a um dêitico “ELA RAINHA” – dêitico-anafórico, de classe padrão. Essa repetição pode ter sido originada por uma falta de sinal, na Libras, do elemento “monarca” – até porque eles podem ser

considerados sinônimos -, ou por outros fatores, os quais não nos incumbe. Além disso, o que nos chamou atenção nessa transcrição foi o fato de o surdo sentir a necessidade de explicar o porquê da expressão “a monarca brasileira”: ELA RAINHA MORAR BRASIL <QUANDO>qu CRIANÇA. Por essa razão, houve nesse recorte textual, dois elementos referenciais “ELA RAINHA”.

3.2.3 *Corpus* Paralelo, composto de anáfora especificadora, na Língua Portuguesa. E na Libras, como fica?

Trazemos, na sequência, o *Corpus* Paralelo Português-Libras composto pela anáfora indireta especificadora, na Língua Portuguesa. Temos a intenção de observar como esse processo anafórico se comporta na Libras. Para tanto, faremos um paralelo com a Língua Portuguesa, observando as similitudes ou as diferenças. Vejamos o quadro a seguir, nomeado “*Corpus* Paralelo Português-Libras: anáfora especificadora”, juntamente com sua análise:

**Quadro 04 - *Corpus* Paralelo Português-Libras: anáfora especificadora**

Recorte Textual em Língua Portuguesa	Recorte Textual em glosa-Libras
<p>(4a) <u>Uma catástrofe</u> ameaça uma das últimas colônias de <u>gorilas</u> da África. <sup>1</sup><i>Uma epidemia</i> de Ebola já matou mais de 300 desses grandes <sup>2</sup><i>macacos</i>.</p>	<p>(4b) INF(<u>ACONTECIMENTO RUIM HORRÍVEL</u> &lt;profundo&gt;) AMEAÇAR LUGAR RARO LUGAR PRÓPRIO <u>GORILA</u> ONDE ÁFRICA. <sup>1</sup>(IX) INF(<i>DOENÇA ESPALHAR MUITO</i>)</p>

	<p><b>GERAL</b> ef&lt;preocupad@&gt;) &lt;E-B-O-L-  A&gt; JÁ 300 MAIS <sup>2</sup>(IX)<b>GORILA</b>  MORRER.</p>
--	--

Fonte: Autores da Pesquisa (2016)

Nesse quadro, temos o recorte textual (4a), o qual é constituído pelo referente “uma catástrofe”, elemento mais genérico. Depois, esse elemento é delimitado por meio de uma anáfora especificadora “uma epidemia”: hiperônimo/hipônimo. Além disso, temos também o referente “gorila”, termo mais específico, o qual é retomado pelo termo mais genérico “macacos”: hipônimo/hiperônimo. Obviamente, essas escolhas lexicais vêm carregadas de intenções, as quais vão sendo compreendidas no transcorrer do texto. Na glosa-Libras (4b), por não ter um sinal específico para a expressão “uma catástrofe”, o surdo opta por explicar seu possível significado “INF(ACONTECIMENTO RUIM HORRÍVEL <profundo>]”, o qual é retomado na sequência também por uma anáfora especificadora, concomitante à paráfrase anafórica “(IX) INF(DOENÇA ESPALHAR MUITO GERAL ef<preocupad@>)”. Em outras palavras, tendo em vista a falta de sinal para a expressão “uma epidemia”, o surdo parafraseia seu provável significado, delimitando, então, o referente. Quanto ao segundo referente “GORILA”, na glosa-Libras ele é retomado por meio de uma repetição “GORILA”, que marca, nesse caso, uma escolha lexical do sujeito surdo no momento de construir o texto.

3.2.4 *Corpus* Paralelo, composto de paráfrase anafórica, na Língua Portuguesa. E na Libras, como fica?

Nessa seção, apresentamos o “*Corpus* Paralelo Português-Libras: paráfrase anafórica” e sua análise. Para que os objetivos estabelecidos nesse trabalho sejam atendidos, faremos um paralelo com a Língua Portuguesa, observando as similaridades e as distinções com a Libras:

**Quadro 05 - *Corpus* Paralelo Português-Libras: paráfrase anafórica**

Recorte Textual em Língua Portuguesa	Recorte Textual em glosa-Libras
<p>(5a) Os jovens não bebem <i>tubaína</i>. <sup>1</sup><i>Essa marca de refrigerante popular significa, no dicionário, bebida barata.</i></p>	<p>(5b) JOVEM NÃO BEBER &lt;T-U-B-A-I-N-A&gt;. <sup>1</sup>(IX)ESSA MARCA REFRIGERANTE POPULAÇÃO CONHECER DICIONÁRIO PALAVRA SIGNIFICA BEBIDA BARATA.</p>

Fonte: Autores da Pesquisa (2016)

Nesse quadro, observamos, no recorte textual (5a), em Língua Portuguesa, o referente “tubaína”, o qual é retomado, em seguida, por uma paráfrase anafórica, com vista a explicar o seu significado: “essa marca de refrigerante popular significa, no dicionário, bebida barata”. Esse tipo de anáfora pode ser chamado também de paráfrase anafórica definicional, pois o termo técnico a ser definido é o elemento previamente introduzido, e o *definiens* (definição) é aportado pela forma anafórica (KOCH; ELIAS, 2006). No recorte textual (5b), observamos que essa categoria de anáfora da língua oroauditiva se mantém na

visuoespacial, claro, conforme a disponibilidade de sinais da Libras: o referente “<T-U-B-A-I-N-A>” é retomado pela paráfrase anafórica definicional “(IX)ESSA MARCA REFRIGERANTE POPULAÇÃO CONHECER DICIONÁRIO PALAVRA SIGNIFICA BEBIDA BARATA”. Há, atrelado a esse processo anafórico, a presença do dêitico “ESSA”, marcando no espaço discursivo o objeto do discurso recategorizado. Diante da análise realizada, podemos inferir que essa anáfora ocorre de forma bastante semelhante em ambas às línguas, caracterizando então a possível similaridade corroborada por Ferreira Brito (2010, p. 115): “Referência em Libras funciona de maneira similar àquela das línguas orais, tais como o Português”.

3.2.5 *Corpus* Paralelo, composto de anáfora sinonímica, na Língua Portuguesa. E na Libras, como fica?

Essa parte é reservada à análise da anáfora indireta sinonímica, mediante o *Corpus* Paralelo Português-Libras. Vejamos o quadro abaixo, nomeado “*Corpus* Paralelo Português-Libras: anáfora sinonímica”, acoplado à análise:

**Quadro 06 - *Corpus* Paralelo Português-Libras: anáfora sinonímica**

Recorte Textual em Língua Portuguesa	Recorte Textual em glosa-Libras
(6a) <u>Os bugios</u> não precisam de muito espaço. O inverno é a estação de fartura para <sup>1</sup> esses <i>símios</i> . <sup>2</sup> Esses macacos parecem comprovar as teorias de Charles	(6b) <u>MACACO &lt;B-U-G-I-O&gt;</u> GRANDE- ESPAÇO=Ef+sf NÃO-PRECISAR. ESTAÇÃO INVERNO ef<frio> TER

Darwin.	<p>COMIDA-MUITA <sup>1</sup><b>(IX)GRUPO</b></p> <p><b>MACACO</b> &lt;<b>S-Í-M-I-O-S</b>&gt;</p> <p><sup>2</sup><b>(IX)ESSES</b> <b>MACACOS</b></p> <p>PARECE PROVAR TEORIA &lt;C- H-A-R-L-E-S D-A-R-W-I-N&gt;.</p>
---------	---

Fonte: Autores da Pesquisa (2016)

Temos, nesse quadro, o recorte textual (6a), em Língua Portuguesa, que é composto pelo referente “os bugios”. Com intenção de ampliar o repertório lexical entorno desse elemento, tem-se então a retomada por meio de anáforas sinonímicas: “esses símios” e “esses macacos”. Em glosa-Libras (6b), o sujeito surdo, por não ter os sinais desses sinônimos em sua Língua, já no início usa o elemento “MACACO” acoplado à soletração “<B-U-G-I-O>” enquanto referente. Com esse referente demarcado, o próximo passo foi, então, retomá-lo. Para isso houve primeiro a anáfora por repetição atrelada à soletração “(IX)GRUPO MACACO <S-Í-M-I-O-S>”, o que nos leva a dizer que ela se caracteriza como um dêitico-anafórico, de classe padrão. Depois, houve, novamente, outra anáfora por repetição: “(IX)ESSES MACACOS”, também construída mediante um dêitico anafórico, de classe padrão. Essa repetição pode ser proveniente, por exemplo, da falta de sinal em Libras para o vocábulo em questão, ou a comunidade surda usa o mesmo sinal para representar os dois elementos linguísticos – até porque eles se caracterizam como sinônimos.

3.2.6 *Corpus* Paralelo, composto de anáfora rotuladora, na Língua Portuguesa. E na Libras, como fica?



Nesse bloco aparece a anáfora rotuladora, em Língua Portuguesa. Verificaremos, por meio do *Corpus* Paralelo Português-Libras, como ela se comporta na Libras. Vejamos, a seguir, o “*Corpus* Paralelo Português-Libras: anáfora rotuladora”, e sua análise:

**Quadro 07 - *Corpus* Paralelo Português-Libras: anáfora rotuladora**

Recorte Textual em Língua Portuguesa	Recorte Textual em glosa-Libras
<p>(7a) <u>A Vigilância Sanitária decidiu que os produtos com suspeita de conter transgênicos sejam recolhidos dos locais de venda.</u> <sup>1</sup><b>A determinação</b> cumpre uma lei estadual de dezembro de 1999.</p>	<p>(7b) &lt;V-I-G-I-L-Á-N-C-I-A S-A-N-I-T-Á-R-I-A&gt; &lt;O QUE&gt;qu INF(GRUPO CUIDAR SAÚDE POVO) DECIDIR SE DESCONFLAR PRODUTO VÁRIOS &lt;T-R-A-N-S-G-E-N-I-C-O-S&gt; &lt;O QUE&gt;qu INF(PRÓPRIO PRODUTOS VÁRIOS MUDAR GENÉTICA LABORATÓRIO) VENDER PROIBIR. <sup>1</sup>(IX)<b>ESSA DECISÃO</b> CUMPRIR-COMBINAR LEI ESTADUAL PRÓPRIO DEZEMBRO 1999.</p>

Fonte: Autores da Pesquisa (2016)

Nesse quadro, temos, primeiramente, o recorte textual (7a), em que o produtor desenvolve todo um discurso durante um período sintático, e o retoma mediante uma única expressão,

“a determinação”. Em outras palavras, a expressão citada resume ou sumariza todo conteúdo apresentado no período sintático anterior. Esse tipo de anáfora é altamente argumentativo, uma vez que expõe o ponto de vista do produtor quando do rótulo construído. Além disso, por apresentarem informações novas ao mesmo tempo em que retomam objetos-do-discurso, Koch e Elias (2006, p. 138) caracterizam as rotulações como “formas híbridas, referenciadoras e predicativas”. Em glosa-Libras, no recorte (7b), o sujeito surdo utilizou um elemento já citado no texto para retomar as colocações anteriores. De certa forma, a expressão “(IX)ESSA DECISÃO” rotula o que foi dito antes, porém, sem um viés argumentativo. Essa expressão anafórica “(IX)ESSA DECISÃO” é constituída pela presença do dêitico, que salienta todo texto referendado anteriormente.

3.2.7 *Corpus* Paralelo, composto de anáfora meronímica, na Língua Portuguesa. E na Libras, como fica?

Por fim, nesse momento, apresentamos a análise do *Corpus* Paralelo Português-Libras composto de anáfora meronímica, em Língua Portuguesa. Verificaremos como essa anáfora se estabelece na Libras, tendo em vista a sua modalidade visuoespacial. Vejamos o quadro abaixo, nomeado “*Corpus* Paralelo Português-Libras anáfora meronímica”, e sua análise correspondente:

**Quadro 8 - *Corpus* Paralelo Português-Libras: anáfora meronímica**

Recorte Textual em Língua Portuguesa	Recorte Textual em glosa-Libras
(8a) Não compre <u>a xícara amarela.</u> <sup>1</sup> O	(8b) NÃO COMPRAR <u>XÍCARA</u>

<i>cabo</i> está quebrado.	<u>AMARELA</u> . 'IX CL (Ef+sf=XÍCARA-ASA-XICARA-SOLTAR).
----------------------------	---

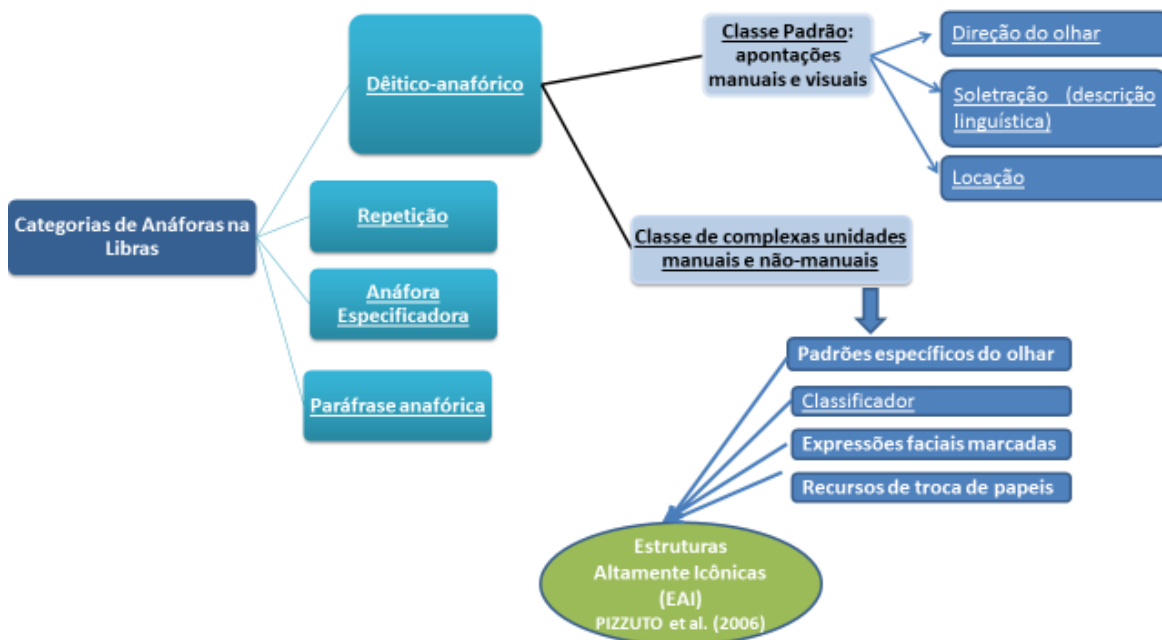
Fonte: Autores da Pesquisa (2016)

Nesse último *corpus* paralelo, no recorte textual (8a), em Língua Portuguesa, temos o referente “a xícara amarela”, que é retomado por meio de uma anáfora meronímica “o cabo”, caracterizando, então, um ‘ingrediente’ da xícara. Em glosa-Libras, no recorte textual (8b), matem-se o referente “XÍCARA AMARELA”, o qual é retomado mediante um dêitico-anafórico, de classe de unidade manual e não-manual, caracterizado pela estrutura altamente icônica: “IX CL (Ef+sf=XÍCARA-ASA-XICARA-SOLTAR)”. Podemos dizer que a anáfora meronímica, quando passada para a glosa-Libras, assume uma estrutura altamente icônica. Essa é uma das especificidades mais relevantes das Línguas de Sinais que, “provavelmente, são devidas à modalidade espaço-visual de língua” (FERREIRA BRITO, 2010, p. 115).

#### 4. Considerações finais

Diferente das categorias de anáforas obtidas na Língua Portuguesa, com as análises realizadas na Libras, baseadas no arcabouço teórico elencado, propomos as seguintes categorias de anáforas: 1) Dêitico-anafórico, o qual se subdivide em classe padrão por meio de apontações manuais e visuais - direção de olhar, soletração e locação -, e classe de complexas unidades manuais e não-manuais - estruturas altamente icônicas, representadas principalmente pelos classificadores; 2) Repetição; 3) Anáfora especificadora; e 4) Paráfrase anafórica (REIS; BIDARRA, 2016). Assim, para efeito desse trabalho, com base nas análises realizadas, foi desenvolvido um diagrama representacional da anáfora na Libras:

**Figura 15 - Diagrama representacional das categorias de anáforas na Libras**



Fonte: Adaptado de Reis e Bidarra (2016)

A partir das análises realizadas, foi possível perceber o modo como as anáforas se manifestam e o papel que desempenham na Libras. Por ser essa língua de modalidade visuoespacial foi possível observar que há o constante uso simultâneo do dêitico e da anáfora, conforme Ciulla (2008) e Pizzuto et al., (2006) propõem em seus estudos.

Na Libras, o dêitico-anafórico tem se mostrado como o principal e mais expressivo mecanismo de coesão/coerência, em especial quando pensamos na classe de complexas unidades manuais e não-manuais, que exibem estruturas altamente icônicas (EAI), caracterizada principalmente pelos classificadores, os quais se qualificam por dizer e mostrar iconicamente ao mesmo tempo. Eles são concebidos como vestígios de operações cognitivas, por meio dos quais os sinalizantes transferem sua concepção do mundo real para o mundo tridimensional do discurso sinalizado.

## **Bibliografía**

- APOTHÉLOZ, Denis. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In: CALVACANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULA, A. (Orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.
- BELLUGI, U.; KLIMA, E. S. The acquisition of three morphological systems in: American Sign Language. *Papers and Reports on Child Language Development* 21, 1-35. Palo Alto, CA: Stanford University Press, 1982.
- BERNARDI, Eviliane. *Análise do processo anafórico em textos produzidos por alunos do terceiro ano do ensino médio de uma escola pública de Cascavel – PR*. 145f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Cascavel, 2012.
- BERBER SARDINHA, Tony. Uso de corpora na formação de tradutores. *D.E.L.T.A.* 19: Especial, p. 43-70. 2003.
- BIEZUS, Marli de Fátima Gonçalves Tavares. *Processos de retomada em conto de Eça de Queirós: um olhar voltado para o ensino*. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2010.
- BRASIL. *Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005*. – Regulamenta a Lei nº 10.436 de 24 de abril, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais.
- \_\_\_\_\_. *Lei nº 10.436*. Presidência da República, dispõe a Língua Brasileira de Sinais – *LIBRAS*. Brasília, 24 de abril de 2002.
- BUHLER, K. *Teoría del lenguaje* (Traducido por Julián Marías). Madrid. Alianza Editorial, 1979.
- CIULLA, Alena. *Os processos de referência e suas funções discursivas: o universo literário dos contos*. 2008. 201f. Tese (Doutorado em Linguística). Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

- CUXAC, C. La Langue des Signes Française (LSF).  
Les voies de l'iconicité. *Faits de Langues*, p. 15-16. Paris, 2000.
- FELIPE, Tanya. Políticas públicas para inserção da Libras na educação de surdos. In. *Revista Espaço*. Informativo Técnico Científico do INES. Nº 25/26, JAN-DEZ./2006, p. 33- 47.
- FERREIRA BRITO, Lucinda. [1995]. *Por uma Gramática de Línguas de Sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.
- FRIEDMANN, L. On the semantics of space, time and person in American Sign Language. *Language* 51, p. 940-961, 1975.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- \_\_\_\_\_. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 2008.
- \_\_\_\_\_; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.
- \_\_\_\_\_. Referenciação e orientação argumentativa. In: \_\_\_\_\_; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina (Orgs.). *Referenciação e Discurso*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 33-45.
- \_\_\_\_\_; MARCUSCHI, Luiz Antônio. Processo de referenciação na produção discursiva. *DELTA* - Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 14, n. especial, p. 169-190, 1998.
- LEAL, Christiana Lourenço. *Estratégias de referenciação da produção escrita de alunos surdos*. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2011. Tese (doutorado) – UFRJ/ Faculdade de Letras/ Programa de Pós-graduação. Disponível em: <http://www.letas.ufrj.br/posverna/doutorado/LealCL.pdf>. Acesso em: 10 set. 2015.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, I.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 53-101.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, Mônica; RODRIGUES, Bernardete; CIULLA, Alena (Orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. (Coleção Clássicos da Linguística).

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. Construction des objets de discours et catégorisation: une approche des processus de référentiation. *TRANEL*. Vol. 23. Neuchâtel. Institute de Linguistique de l'Université de Neuchâtel. 1995. p. 273-302.

PIZZIO, Aline Lemos; REZENDE, Patrícia Luiza Ferreira; QUADROS, Ronice Müller de. *Língua Brasileira de Sinais V: Tópicos de linguística aplicados à Língua de Sinais – Semântica e Pragmática*.

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC): Florianópolis. 2009. Apostila.

Disponível em:

<[http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/linguaBrasileiraDeSinaisII/assets/482/Lingua\\_de\\_Sinais\\_IV\\_para\\_publicacao.pdf](http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/linguaBrasileiraDeSinaisII/assets/482/Lingua_de_Sinais_IV_para_publicacao.pdf)>. Acesso em: 21 nov. 2016.

PIZZUTO, Elena; ROSSINI, Paolo; SALLANDRE, Marie-Anne; WILKINSON, Erin. Dêixis, anáfora e estruturas altamente icônicas: evidências interlinguísticas nas línguas de Sinais Americana (ASL), Francesa (LSF) e Italiana (LIS). In: QUADROS, Ronice Müller de; VASCONCELLOS, Maria Lúcia Barbosa (Orgs. e Trad.). *Questões teóricas das pesquisas em língua de sinais*. Editora Arara Azul. Petrópolis, 2006. Disponível em: <<http://www.editora-arara-azul.com.br/ebooks/catalogo/36.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2016.

QUADROS, Ronice Müller de; PIZZIO, Aline Lemos; REZENDE, Patrícia Luiza Ferreira. *Língua Brasileira de Sinais IV: Tópicos de linguística aplicados à Língua de Sinais - Uso do espaço e sistemas de transcrição* (ELAN). Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC): Florianópolis. 2009. Apostila.

Disponível

em:

<[http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/linguaBrasileiraDeSinaisII/assets/482/Lingua\\_de\\_Siniais\\_IV\\_para\\_publicacao.pdf](http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/linguaBrasileiraDeSinaisII/assets/482/Lingua_de_Siniais_IV_para_publicacao.pdf)>. Acesso em: 15 set. 2015.

\_\_\_\_\_; KARNOPP, Lodenir Becker. *Língua de sinais brasileira: Estudos linguísticos*. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

\_\_\_\_\_. *O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa*. Brasília: MEC; SEESP, 2002.

REIS, Leidiani da Silva. BIDARRA, Jorge. A anáfora na interface Português-Libras. In: *Revista Interletras*. Dourados – MS, v. 6, n. 24, 2016.

\_\_\_\_\_. *Sondagem das retomadas não correferenciais ativadas em processos interpretativos de fábulas*. (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, 2012.

SANTOS, Renata Souza. Os gêneros discursivos em livro didático para surdos: análise dos procedimentos tradutórios aplicados de português para Libras. In: ALBRES, Neiva de Aquino; SANTIAGO, Vania de Aquino. *Libras em estudo: tradução/interpretação*. São Paulo: FENEIS, 2012.

SCHLENKER, Philippe. *Conditionals as definite descriptions: a referential analysis*. Research on Language and Computation, 2016.

\_\_\_\_\_. *Temporal and Modal Anaphora in Sign Language (ASL)*. Natural Language and Linguistic Theory 31(1), p. 207-234, 2013.

\_\_\_\_\_. *Donkey Anaphora: the View from Sign Language (ASL and LSF)*. Linguistics and Philosophy 34(4), p. 341-395, 2011.



STOKOE, Willian. Sign Language Structure: An outline of the visual communication systems of the American deaf. *Studies in Linguistics*. O.P.8, 1960.

## Anexo

### Sistema de Notação para Glosas-Libras

1)	GOVERNO	Letras maiúsculas indicam glosas na língua de Sinais;
2)	Recorte textual ou sinal precedido de *	Indica que o recorte textual ou sinal é agramatical;
3)	sf	Sobrancelhas franzidas;
4)	IX	Indexação. Marcação de dêiticos e anáforas;
5)	+++	Repetição de sinais;
6)	Ef	Expressão facial;
7)	XXX	Sinal não identificado;
8)	'<c-r-í-t-i-c-o>'	Indica datilologia. Ocorrência de empréstimo linguístico da Língua Portuguesa;
9)	fs(CRÍTICO)	Indica que a palavra será soletrada;
10)	< >	Indica topicalização no recorte textual ou sinal;
11)	CL (menino-subir-árvore-cair)	
12)	^	Indica sinal composto CAVALO^LISTRA = Zebra MATERIAL^VÁRIOS = objeto
13)	ACENAR-COM-A-MÃO	Indica o uso do hífen entre as glosas é a ocorrência de um item lexical.
14)	NÃO-TER	Glosas com mais de uma palavra devem ser ligadas com hífen;
15)	POSS	Indica possessivo seguido pelo referente com letras minúsculas, dentro dos parênteses. Ex. POSS (Maria)
16)	SELF	Indica reflexivo seguido pelo referente com letras minúsculas, dentro dos parênteses. Ex. SELF(mãe).

17) ID	Indica verbos indicativos. Nomear com uma glosa ID para cada sinal; na o adicionar informação sobre os referentes. Ex. DAR, IR
18) DV – verbos descritivos; classificadores.	Usar a glosa ‘DV’ seguida da descrição entre parênteses (hífen entre as palavras). Ex. DV(pássaro-sentado-árvore).
19) ( _ )	Indica um sinal congelado. Adicionar o sinal ( _ ) ao final da glosa, nesse caso o enunciador ‘congela’ o sinal enquanto pensa no próximo. Ex. AGORA_
20) [?]	Indica que um sinal não está claro. Adicionar [?] no final da glosa; adicionar uma transcrição na linha ‘Sign pho’ se possível.
21) [=? 22) Sinal não claro (o transcritor oferece uma glosa alternativa)	Digitar a primeira opção de glosa. Ex. LARANJA[=?SÁBADO]
23) YYY 24) Sinal não claro (o transcritor não conhece o sinal, mas pode transcrever a forma).	Cada sinal não claro no enunciado recebe a glosa YYY (pode haver mais de um). Adicionar a descrição de cada glosa YYY na linha ‘Sign pho’. Ex. QUERO YYY POR-FAVOR
25) < >qu	Indica palavra ou sentença interrogativa. Ex. <O QUE MARIA QUERER>qu
26) Sn	Indica interrogativa do tipo sim-não. Ex. <ANA TRABALHAR ESCOLA>sn
27) &=	Indica efeitos sonoros. Som do tipo de choro, risada e assobio, são indicados com &= seguido do som correspondente. Ex. &=risada
28) ~	Indica uma expressão facial diferenciada. Ex. <QUEM>qu~
29) Enm	Expressões não-manuais;
30) Ob	Direção do olhar para baixo;
31) Oc	Direção do olhar para cima;
32) Od	Direção do olhar para direita;
33) Bad	Boca aberta para direita;

34)	[...]	Pausa na sinalização manual;
35)	#	Pausa dentro do recorte textual e/ou discurso;
36)	@	Gênero não identificado
37)	Md	Indica mão direita
38)	Me	Indica mão esquerda.
39)	INF ( )	Indica inferência (explicação) de determinada palavra cujo conceito e signo em Libras ainda não estão elaborados. Ex.  INF(lugar ter vivo pessoa pres@ já julgar processo), isto para explicar penitenciária.
40)	Ld	Após o IX indica marcação do referente no espaço à direita  Ex.: IXld(ELE)
41)	Le	Após o IX indica marcação do referente no espaço à esquerda. Ex.: IXld(ELE)
42)	IXle( )IXld	Indica o deslocamento de um referente (marcado no lado esquerdo) para o outro referente (marcado no lado direito).  Ex. 1: IXle(IGREJA) IXld(GOVERNO) IXle(SEPARAR)IXld  Ex. 2: IXle(PAÍS BRASIL) DECISÃO DECLARAR GUERRA IXle(CONTRA)IXld PAÍS ALEMANHA.
43)	< >+++	Um conjunto de signos escrito dentro dessa marcação < >+++ significa que há repetição do(s) signos. Pode ocorrer juntamente do IX Ex.: IX(<INFORMAÇÃO-DIRETO-CORAÇÃO>)+  Ou pode ocorrer no espaço aleatoriamente, ex.: <PESSOA CONFLITO>+++

<p><b>44)</b> Sistema pronominal:  Dual: EL@S2; NÓS2; VOCÊS2  Tripl: EL@S3; NÓS3; VOCÊS3  Quátrial: EL@S4; NÓS4;  VOCÊS4</p>	<p>Usado para retomar mais de um referente, localizados anteriormente no espaço enunciativo. Ex.:</p> <p>IXle(HOMEM) IXld(MULHER) EL@S2.</p>
<p><b>45)</b> ef&lt;sentimento emoção&gt;  ef&lt;dor&gt;  ef&lt;dó/pena&gt;  ef&lt;brav@&gt;  ef&lt;chatead@&gt;  ef&lt;preocupad@&gt;, etc..</p>	<p>Após determinado signo indica a expressão facial do enunciador. Ex.:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. IX(TOCAR-CORAÇÃO)ef&lt;sentimento emoção&gt;</li> <li>2. POR CAUSA DERRAME-CEREBRAL  CORPO IX(del@) MOVIMENTO  NADAef&lt;nada-zero&gt;</li> <li>3. FICAR QUARTO HOSPITAL LUGAR  DOENÇA GRAVEef&lt;profunda&gt;</li> </ol>

Fonte: Adaptado e ampliado de Quadros e Karnopp (2004) e Ferreira Brito (2010)